

**À sombra da humanidade: a monstruosidade comportamental no conto “O Cobrador”, de Rubem Fonseca**

**In the shadow of humanity: behavioral monstrosity in the short story “O Cobrador”, by Rubem Fonseca**

**A la sombra de la humanidad: la monstruosidad comportamental en el cuento “El Cobrador”, de Rubem Fonseca**

Anna Deodato<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo investigar a construção da monstruosidade comportamental no conto *O Cobrador* (1979), escrito por Rubem Fonseca. Marcado pela estetização da violência e outros fatores que atravessam a sociedade contemporânea, o conto aborda o deslocamento da monstruosidade, anteriormente atrelada ao plano físico do ser, para o aspecto comportamental, processo identificado pelo filósofo francês Michel Foucault e descrito em *Os anormais* (2002). Com a leitura do conto é possível apontar os múltiplos monstros existentes na sociedade, diversas vezes ocultos sob uma forma simbólica, alegorias do que a humanidade percebe como perigoso e assustador.

**Palavras-chave:** Monstruosidade; Monstro moral; Literatura brasileira.

**Abstract:** This study aims to investigate the construction of behavioral monstrosity in the short story *O Cobrador* (1979), written by Rubem Fonseca. Marked by the aesthetics of violence and other factors that cross the contemporary society, the story deals with the displacement of the monstrosity, previously linked to the physical plane of being, to the behavioral aspect, process identified by the French philosopher Michel Foucault and described in *Os anormais* (2002). With the reading of the story it is possible to point out the multiple monsters that exist in society, many times hidden in a symbolic way, allegories of what humanity understands as dangerous and frightening.

**Keywords:** Monstrosity; Behavioral Monster; Brazilian literature.

**Resumé:** Este trabajo tiene como objetivo investigar la construcción de la monstruosidad comportamental en el cuento "El Cobrador" (1979), escrito por Rubem Fonseca. Marcado por la estetización de la violencia y otros factores que atraviesan la sociedad contemporánea, el cuento aborda el desplazamiento de la monstruosidad, anteriormente vinculada al plano físico del ser, hacia el aspecto comportamental, proceso identificado por el filósofo francés Michel Foucault y descrito en "Los anormales" (2002). Con la lectura del cuento es posible señalar los múltiples monstruos existentes en la sociedad, muchas veces ocultos bajo una forma simbólica, alegorías de lo que la humanidad percibe como peligroso y aterrador.

**Mots-clés:** Monstruosidad; Monstruo moral; Literatura brasileña.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro

## Introdução

*Poucos de nós são o que parecem ser...*  
Agatha Christie

A imagem do monstro grotesco permeia o imaginário coletivo da humanidade. Seres cuja personificação por pouco não escapa à compreensão humana: Drácula e Frankenstein, por exemplo. As condições que envolvem essas criaturas permitem que a sua identificação seja rápida e fácil, possibilitando a ativação do instinto de sobrevivência humana e, conseqüentemente, a fuga e a sobrevivência. Porém, e quando o monstro mora ao lado? Quando o ser é dotado de características semelhante as das suas vítimas, não despertando temor até o momento crucial, como identificá-lo? O que torna o humano um monstro?

Alicerçada no filósofo Michel Foucault, a pesquisadora Juliana Ciambra Rahe Bertin (2016) apresenta a passagem do monstro físico para o monstro moral, isto é, o aspecto monstruoso sendo deslocado do plano físico do ser para a forma comportamental. Para Bertin (2016), os monstros já não seriam aqueles seres construídos a partir das características sobrenaturais, como os zumbis e lobisomens, mas, sim, aqueles que se manifestam em um contexto mais próximo do real. Inspirada pelo artigo da pesquisadora, intitulado *O monstro invisível: o abalo das fronteiras entre monstruosidade e humanidade* (2016), igualmente adoto o embasamento teórico fornecido por Foucault em *Os anormais* (2002) para o prosseguimento deste trabalho.

Assim, escolho como objeto de análise desse ser cuja monstruosidade reside no comportamental, oculto pela máscara da “normalidade”, o personagem-narrador do conto *O Cobrador*, escrito por Rubem Fonseca (1925-2020) e publicado originalmente em 1976. Proponho uma investigação acerca desse sujeito anônimo que protagoniza as páginas do conto e que movido por um desejo utópico, busca o aniquilamento da classe abastada no Rio de Janeiro. Observando as características dessa personagem, intento identificar o que o torna, de certo modo, um monstro moderno, cujo aspecto monstruoso está fincado na faceta comportamental atada ao plano real.

## Construção do monstro urbano

O Cobrador é um dos dez contos que integram a antologia homônima escrita pelo romancista e ex-policial Rubem Fonseca. O personagem-narrador do conto é um assassino em

série que pratica atos de extrema violência motivado pela percepção que a sociedade lhe deve algo. Inicialmente o matador comete crimes contra qualquer pessoa que cruze o seu caminho, mas, no decorrer do enredo, seu ódio se torna direcionado às classes sociais mais abastadas, encontrando o sentido da sua vida.

Conforme apresentado acima, o monstro moral veste a máscara da normalidade, infiltrando-se no meio comum. Ou, mais apropriado à questão: o monstro moral é, externamente, uma pessoa como todas as outras, compartilhando de características humanas básicas e o mesmo espaço geográfico. Ele não é um ser vindo de outra dimensão, época, planeta ou qualquer outro espaço longínquo desconhecido por outros seres – os seres “normais” –, tampouco é construído pautado sobre um enredo sobrenatural. A respeito das características compartilhadas pelos monstros, Bertin (2016) afirma:

Monstros costumam apresentar traços recorrentes que permitem traçar uma espécie de morfologia de tais criaturas. Embora se apresentem sob diferentes máscaras, as características que envolvem a monstrosidade permanecem basicamente as mesmas, sendo centrais para a investigação da monstrosidade elementos como: espaço geográfico, impureza, ameaça, ambivalência afetiva, prazer, poder e liberdade (Bertin, 2016, p. 38).

Sobre o personagem-narrador de *O Cobrador* é curiosa a questão do espaço geográfico, como elemento construtor da sua monstrosidade, uma vez que sendo morador do Rio de Janeiro, o sujeito anônimo transita por espaços reais da cidade, como as ruas Marechal Floriano e Vieira Souto. É diferente, por exemplo, do Conde Drácula analisado por Bertin (2016, p. 39), o qual advém de uma Transilvânia descrita como primitiva, selvagem e exótica, um espaço para além das fronteiras do comum. Contudo, ao falar sobre a escola onde estudou, o cobrador afirma: “[...] meu colégio foi o mais noturno de todos os colégios noturnos do mundo, tão ruim que já não existe mais, foi demolido. Até a rua onde ele ficava foi demolida” (Fonseca, 2010, p. 15). Ainda que conviva na mesma cidade que as vítimas, o homem tem como origem um local misterioso e não descrito pelo autor.

Outro aspecto apresentado para a construção da morfologia do monstro é a impureza. Possivelmente, a impureza descrita no conto é a social, marcada pela exclusão entre classes. Embora o assunto não seja aprofundado no conto, é possível concluir que o cobrador vive entre os estados de pobreza e miséria o que ocasiona, em ocasiões de comparação, a noção de marginalização. Essa sensação de não pertencimento é gradualmente acentuada à medida em que o homem assiste a programas televisivos que exaltam a vida da classe média-alta e os artigos de luxo que esta adquire, o conduzindo a uma sensação de que a sociedade lhe deve

itens: “Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa” (Fonseca, 2010, p. 13). É como se ao assistir televisão, o cobrador alimentasse o próprio ódio e a busca por uma espécie de “vingança”: “Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta. Quero muito pegar o camarada que faz anúncio de uísque” (Fonseca, 2010, p. 14).

Apesar do passado do homem não ser de conhecimento do leitor, é possível notar que em algum momento ele foi um cidadão normal por meio da sentença: “Cansei de pagar! Agora eu só cobro!” (Fonseca, 2010, p. 12). Tal afirmação sugere um momento de ruptura durante a trajetória de vida do matador, responsável por transformá-lo de homem comum em um monstro, remetendo ao elemento de poder existente na configuração da monstruosidade. Segundo Julio Jeha (2007, p. 20), os monstros funcionam sempre como um aviso ou um castigo por alguma ruptura, algum excesso, algum “mal” cometido: o monstro é um “estratagema para rotular tudo que infringe esses limites culturais”.

Exemplifico a imposição do poder que desponta após a ruptura com o episódio de abertura do conto, no qual o matador, após ser cobrado por um procedimento odontológico, destrói o consultório e atira no joelho do dentista. Ao se recusar a ser cobrado, o homem reverte a estrutura de poder estabelecida e cobra do dentista com violência, a moeda de troca que é adotada por ele. Essa atitude vai de encontro ao proposto por Souza (2007) quanto a definição da violência:

É uma ação que simplesmente não considera a outra pessoa, ou melhor, a considera como uma coisa, numa relação em que o outro não fala e se torna um objeto. Ela não precisa ser necessariamente de ordem física, também se manifesta em seu aspecto psicológico, ou simbólico, em suas formas sutis e quase imperceptíveis (Souza, 2007, p. 47).

Para o cobrador, uma disputa pelo poder é estabelecida a partir deste episódio, uma luta entre ele e as classes abastadas que permeará a narrativa, na qual cada um lutará com as armas que possui – violência e dinheiro. O embate é sinalizado pela exclamação, quase um grito de guerra: “Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito” (Fonseca, 2010, p. 12).

A violência, que é o instrumento de poder do cobrador, deixou marcas em seu corpo revelando as sombras de um passado oculto: “A mão dele era branca, lisinha, mas a minha estava cheia de cicatrizes, meu corpo todo tem cicatrizes, até meu pau está cheio de cicatrizes”

(Fonseca, 2010, p. 14). É possível que essas cicatrizes sejam resultado de um antigo trabalho insalubre – antigo, porque não é informado qualquer ofício do cobrador no momento em que ocorre a narrativa –, ou expressões de um contexto brutal ao qual o homem já foi submetido. De toda forma, essas marcas surgem como um indicador do abismo social que separa o cobrador dos outros homens, reforçando, possivelmente, o conceito de impureza.

Observando uma festa na rua Vieira Souto, o cobrador escolhe um casal para “cobrar”, possivelmente, o exibicionismo do luxo que há entre os que festejam. Ainda que o homem lhe diga que a mulher está grávida, o cobrador dispara onde achava ser o umbigo dela, atirando logo após na cabeça da vítima. Quanto ao homem, o cobrador opta por reproduzir uma cena de decapitação que assistiu em um filme, produzindo assim a cena mais brutal de todo o conto, a qual choca o leitor pela qualidade descritiva do assassinato e pela violência que marca o ato, extasiando o cobrador: “Dei um grito alto que não era nenhuma palavra, era um uivo comprido e forte, para que todos os bichos tremessem e saíssem da frente. Onde eu passo o asfalto derrete” (Fonseca, 2010, p. 18).

É curioso notar como o homem conseguiu se aproximar da festa e do casal sem despertar qualquer sensação de ameaça nos presentes, pois, ao esconder um facão na perna, simula uma deficiência física, a qual além de gerar a imagem de fragilidade, o tornaria aparentemente inofensivo. Seguinte a esse episódio, o cobrador entra em um prédio disfarçado de bombeiro e simula uma língua presa, uma situação engraçada para o porteiro que deveria interrogar a presença daquele homem em um espaço particular. Essas situações revelam que o homem adota máscaras que facilitem o seu acesso ou o torne inocente aos olhos das vítimas.

O cobrador segue na busca pela imposição do seu poder no prédio invadido, oferecendo o serviço de bombeiro de porta em porta até ser aceito por uma empregada desavisada, na sequência a amarrando para estuprar a dona da casa sem impedimentos. Mediante a resistência da moça, o cobrador exclama: “Estão me devendo xarope, meia, cinema, filé mignon e buceta, anda logo” (Fonseca, 2010, p. 19). A descrição do estupro manifesta a demonstração de força e poder do homem perante a classe abastada, representada pela vítima, situação reforçada pelo fato do cobrador afirmar que a mulher sentiu prazer antes dele, algo inconcebível nesse quadro.

A ambivalência afetiva, mais um dos elementos que compõem o monstro, em torno do cobrador é apresentada por meio da capacidade de sedução que ele possui, algo semelhante ao fascínio que o Conde Drácula exerce sobre Lucy. Ao ser acolhido por uma “coroa”, o cobrador desperta medo e suspeita na mulher, mas, ainda assim, a solitária senhora não consegue resistir a atração que sente pelo homem.

Essa fodida não me deve nada, pensei, mora com sacrifício num quarto e sala, os olhos dela já estão empapuçados de beber porcarias e ler a vida das grã-finas na revista Vogue.

Quer que te mate?, perguntei enquanto bebíamos uísque ordinário.

Quero que você me foda, ela riu ansiosa, na dúvida (Fonseca, 2010, p. 15).

O próprio leitor é afetado pela ambivalência afetiva quando o homem expressa um lado afetivo e sensível, inicialmente oculto, ao cuidar de Dona Clotilde, a senhora de quem aluga um quarto. O cobrador é responsável por aplicar a injeção e limpar o chão da sala onde a inválida passa os dias, canalizando um carinho que até então seria impensável lhe associar. É igualmente estranho quando o homem se apaixona por Ana, uma moça branca e rica a qual conhece na praia, o conduzindo a expressar sua faceta sofrida: “Sou uma pessoa tímida, tenho levado tanta porrada na vida” (Fonseca, 2010, p. 20). Tal situação gera uma duplicidade do ser, pois o cobrador é, simultaneamente, alguém brutal e vingativo, mas também sensível e capaz de amar e cuidar.

O estranhamento é acentuado tanto para o leitor, quanto para o próprio cobrador quando ele se apaixona por Ana, a jovem branca e rica a qual conhece na praia. Moradora de um prédio de luxo, Ana pertence à classe odiada pelo matador e, surpreendendo o leitor e o homem, busca por ele, tornam-se namorados e passam a morar juntos. Traindo seu próprio grupo, a jovem apresenta ao cobrador a possibilidade de matar várias pessoas simultaneamente utilizando armas com grande poder de destruição, como a bomba. O extermínio coletivo se torna o objetivo de vida do cobrador, a sua missão: “Meu ódio agora é diferente. Tenho uma missão. Sempre tive uma missão e não sabia. Agora sei. Ana me ajudou a ver” (Fonseca, 2010, p. 24).

O conto é finalizado com o casal partindo para explodir um baile de Natal no qual estarão presentes os ricos e poderosos da cidade, incluindo o prefeito em vestes de Papai Noel. Convicto da missão que guia sua trajetória, o homem escreve um manifesto para ser publicado no jornal convocando seus semelhantes a se unirem ao movimento: “E o meu exemplo deve ser seguido por outros, muitos outros, só assim mudaremos o mundo” (Fonseca, 2010, p. 24). Ana e o cobrador sentem que a sociedade lhes deve algo e, cada qual com a sua reivindicação, seguem à cobrança, encerrando com a afirmação: “Vamos ao Baile de Natal. Não faltará cerveja, nem perus. Nem sangue. Fecha-se um ciclo da minha vida e abre-se outro” (Fonseca, 2010, p. 25). A liberdade do monstro humano é possibilitada, assim, pela viabilidade de desligar-se da experiência de assassinato individual e ser apresentado ao coletivo, finalizando a história sem qualquer receio de ser pego.

## As múltiplas facetas da monstrosidade

Correspondendo aos sete aspectos que constituem a morfologia do monstro, conforme apresentado por Bertin (2016), o personagem-narrador do conto *O Cobrador* desponta como um monstro humano, cujo comportamento violento busca a destruição de um grupo específico. Ex-policia, Rubem Fonseca aplicou a experiência que adquiriu na antiga profissão para construir suas personagens e o meio social que essas pertencem e habitam. De acordo com o pesquisador Boris Schnaiderman (2018), os contos escritos por Rubem Fonseca causaram inicialmente um impacto no leitor, devido a brutalidade do submundo expressada nas narrativas, sobrepondo outros numerosos contos que abordavam a mesma temática.

Enquanto ser que atravessa fronteiras ao não se adequar como normal e canalizar essa marginalização por intermédio dos atos violentos e brutais, o cobrador aproxima-se do monstro contemporâneo descrito por Foucault (2002). Nas palavras do filósofo:

O indivíduo anormal do século XIX vai ficar marcado – e muito tardiamente, na prática médica, na prática judiciária, no saber como nas instituições que vão rodeá-lo – por essa espécie de monstrosidade que se tornou cada vez mais apagada e diáfana, por essa incorrigibilidade retificável e cada vez mais investida por aparelhos de retificação. E, enfim, ele é marcado por esse segredo comum e singular, que é a etiologia geral e universal das piores singularidades (Foucault, 2002, p. 75).

O monstro construído por Rubem Fonseca denota essa incorrigibilidade da qual discorre Foucault (2002), mas no sentido de não ser descoberto, finalizando o conto não apenas impune, como planejando algo que potencializará o seu plano utópico. Ao transgredir os limites impostos pela lei, o cobrador se torna um sujeito cujo comportamento monstruoso está fincado no comportamental e não no corpo físico, assim como o sentido de monstro moral explicado pelo filósofo francês: “a atribuição de uma monstrosidade que não é mais jurídico-natural, que é jurídico-moral, uma monstrosidade que é a monstrosidade da conduta, e não mais a monstrosidade da natureza” (Foucault, 2002, p. 92).

A violência projetada pelo cobrador é um reflexo de alguma circunstância de ruptura, pois, como denotado anteriormente, o texto abre margem à interpretação de que o homem já se comportou como um cidadão comum anteriormente. Se havia previamente a tendência ao comportamento monstruoso, ela estava oculta e adormecida, ativada, em determinado momento, por influências externas. O embate pelo poder travado entre o homem e a vida

luxuosa exibida pelos ricos revela que esse colapso pode ter origens na desigualdade social. A existência desse ser “anormal” expõe as falhas e desamparos da sociedade, gerando uma certa “duplicidade” do ser, pois ele é simultaneamente humano e inumano. Sobre o conceito de duplo, Brunel (1998, p. 263), discorre: “O duplo é sempre uma figura fascinante para aquele que ele duplica, em virtude do paradoxo que representa (ele é ao mesmo tempo inferior e exterior, está aqui e lá, é oposto e complementar), e provoca no original reações emocionais extremas (atração/repulsa)”.

A inumanidade em questão advém da exclusão social. Marginalizado, o cobrador não se percebe como humano ao assistir televisão, por exemplo, pois confronta-se com uma realidade de conforto a qual não possui. Diversas reivindicações do homem, ou as dívidas que ele sente que a sociedade possui para com ele, são de itens que se não necessários à vida, ao menos constituem, no entendimento dele, a noção de humanidade, como xarope, meia e cinema. O comportamento excludente da burguesia é retratado pelo homem em um poema escrito por ele:

Os ricos gostam de dormir tarde/ apenas porque sabem que a corja/ tem que  
dormir cedo para trabalhar de manhã/ Essa é mais uma chance que eles/ têm  
de ser diferentes:/ parasitar,/ desprezar os que suam para ganhar a comida,/  
dormir até tarde,/ tarde/ um dia/ ainda bem,/ demais (Fonseca, 2010, p. 15).

Ainda que utópica, uma vez que busca a destruição de todo um grupo social que rege importâncias instâncias sociais, a missão do cobrador escancara o crescimento de uma pequena parcela da sociedade em detrimento de um grupo marginalizado. A classe excluída não apenas se encontra desprovida de conforto, como se depara com a ausência do básico para a sua sobrevivência enquanto alimenta o funcionamento dessa sociedade, parasitados em diversas esferas. Apesar de não ser o objetivo primário do monstro, seu rastro de violência indica aquilo que está à sombra da humanidade: a exclusão de qualquer ser que não se adeque ao padrão estabelecido como sendo o normal.

Sob este prisma novas perspectivas de monstruosidade se desdobram no conto escrito por Rubem Fonseca, a partir da perspectiva observada. Por um olhar primário, o cobrador é o monstro, pois é aquele que mata e estupra sem qualquer remorso – pelo contrário, os atos de violência geram prazer no homem, característica morfológica típica da monstruosidade:

Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de  
euforia que me dá vontade de dançar — dou pequenos uivos, grunhidos, sons  
inarticulados, mais próximos da música do que da poesia, e meus pés deslizam

pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou um macaco (Fonseca, 2010, p. 21).

Porém, tal prazer advém da certeza de estar um passo mais próximo de eliminar toda a classe social que, na perspectiva do homem, é o verdadeiro monstro da história, aqueles que não apenas segregam, como reforçam a marginalização dos demais a cada comportamento. Essa compreensão me remete ao monstro apesentado por Foucault (2002, p. 115) como o “primeiro monstro”, o qual não é o assassino ou o estuprador, mas aquele que detém o poder e rompe com o pacto social em prol do benefício próprio. O primeiro monstro rompe com as leis da sociedade da qual é membro, sobrepondo seu prazer e se tornando um déspota, o monstro que abusa do poder. Não por acaso, a missão do cobrador que finaliza o conto é explodir uma festa natalina na qual o prefeito estaria vestido como Papai Noel, uma figura de autoridade interpretando outra figura central, uma personificação desse primeiro monstro que exhibe fartura enquanto uma grande parcela da sociedade se encontra desamparada.

Tal ideia é corroborada com o ato de ir à caça dos monstros, um ato bastante antigo. O cobrador já insatisfeito da vida sofrida que levava buscou identificar nas grandes mídias os responsáveis pela vida miserável que levava. De certo modo, a atitude do homem vai de encontro ao discutido por Foucault (2002) ao afirmar que no decorrer do século XIX seria descoberto o fundo de maldade que habita por trás das pequenas anomalias, desvios e irregularidades. De acordo com o filósofo: “o monstro é o grande modelo de todas as pequenas discrepâncias. É o princípio de inteligibilidade de todas as formas – que circulam na forma de moeda miúda – da anomalia” (Foucault, 2002, p. 71).

Para além do monstro moral e do primeiro monstro, uma nova leitura da monstruosidade se revela quando Jeha (2007) aponta a representação do mal como algo não necessariamente ligado a uma figura humana ou corporificada. O retrato do mal é variável de acordo com a sociedade em foco, cabendo ao observador, despido das suas próprias convicções, assimilar o conceito de maldade e monstruosidade em determinado contexto. No período medieval, por exemplo, a compreensão do mal é atravessada por preceitos cristãos, influenciando o que é entendido como perigoso e horrível na experiência humana. Assim, durante a Idade Média, os pecados capitais se tornam a alegoria para os monstros, como os vícios, a gula e a ira, de acordo com o professor.

Ainda de acordo com Jeha (2007), a literatura expõe os signos monstruosos e a monstruosidade sob diversos aspectos, convergindo no que tange o conceito de maldade, o próprio mal. Perscrutando a interpretação do monstro enquanto signo, não necessariamente

personificado, é possível que além dos aspectos mais visíveis, como a violência e o assassinato, ainda a fome, a miséria e a exclusão social componham o mostruário de monstros contemporâneos que habitam à sombra da humanidade.

Para Bertin (2016, p. 51), é necessário entender o significado a existência do monstro em seu contexto e a função que ele exerce: “[...] o monstro se constrói por meio de duas narrativas: uma que dá a conhecer a forma como ele se apresenta, e outra [...] que põe em cena seu significado, sua razão de existir”. Sob essa perspectiva, o cobrador e a burguesia são dois opostos que iluminam os males que assolariam a sociedade contemporânea, efeitos da desigualdade social. O cobrador não possui uma profissão definida, apresentando-se somente como poeta, sua relação com o trabalho é incerta. Apesar de sentir que a sociedade lhe deve diversos itens, o homem jamais rouba as vítimas, sendo uma incógnita a forma pela qual se sustenta, mas sendo objetivo ao declarar o ódio por trabalhadores de classe média alta, como comerciantes, funcionários e advogados.

Como se elimina um monstro simbólico, a representação da maldade oculta sob um signo? Ao não encontrar a materialização desse inimigo que gera o achatamento de um grupo e promove a desigualdade social, o cobrador mira em toda uma classe sem estabelecer um alvo específico, e se torna um herói/anti-herói. Tal dualidade ocorre pois ao não se conformar com a situação marginal, o homem busca lutar contra ela e mostrar o quanto ela é injusta.

Noto uma crítica autoral tecida a respeito do período no qual o conto foi escrito, considerando que em 1979 o Brasil atravessava uma grave crise social. Com o Golpe Militar firmado em 1964, diversas medidas autoritárias são impostas em prol da ascensão das classes média e alta, como a facilitação da concessão de crédito e abertura externa da economia. Em decorrência do “milagre econômico” e, posteriormente, da “crise do petróleo”, a renda concentra-se na burguesia e aumenta a situação de pobreza dos grupos periféricos. Outras marcas relevantes da década de 70 são a grande tensão e desequilíbrio social caracterizados pela revolta operária e perseguições militares praticadas contra quem se rebela.

Apenas quatro anos antes da publicação de *O Cobrador* outro livro de Rubem Fonseca, *Feliz Ano Novo* (1975), sofreu com a censura da ditadura ao ser considerado pornográfico. Caracterizada pelo autoritarismo, violência, censura e a política do medo, a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) buscava reprimir qualquer artista que por meio do seu trabalho retratasse a desigualdade social crescente no país, considerando o ato como uma tentativa comunista de desestabilizar a nação. Para o crítico Sergio Augusto (2010) nenhum outro autor causou tanto incômodo ao regime ditatorial quanto Rubem Fonseca, informação embasada por uma matéria

publicada pela revista *Veja* em outubro de 1979 a qual afirma ser *O Cobrador* um diagnóstico exato da modernidade vivenciada no país.

Apresentado o contexto reforço a ideia de a desigualdade social ser o catalisador da ruptura na trajetória do cobrador, uma vez que o monstro comportamental parece ser fruto desse colapso social, de certa forma espelhando tudo que era representado pela Ditadura. Tal tese que vai de encontro ao discutido por Jeha (2007, p. 22), quando o professor afirma que o monstro é sinalizado “por um aviso ou um castigo por alguma ruptura de um código – por um mal cometido”. O mal em questão é o abismo social e econômico estabelecido pelo regime ditatorial no Brasil à época em que o conto foi escrito, sugerindo a travessia de fronteiras cruciais à harmonia social.

O monstro [...] existe para demarcar os laços que mantém unido aquele sistema de relações que chamamos cultura, para chamar atenção – uma horrível atenção – a fronteiras que não podem – não *devem* – ser cruzadas. [...] Como uma espécie de pastor, [...] delimita o espaço social através do qual os corpos culturais podem se movimentar (Cohen, 2000, p. 42-43 *apud* Bertin, 2016, p. 51).

O papel do monstro no contexto de clivagem com as fronteiras que mantém unido o sistema, conforme apresentado acima, é corroborado por Gil (1994, p. 12) que diz:

O monstro não passa de uma barreira, impensável e sempre pensada, nos limbos da razão, como as raças monstruosas que habitavam na periferia do mundo humano. São os nossos guardiões e é necessário produzi-los apenas em número suficiente para nos ajudar a pensar e a manter a nossa humanidade em nós. Sob pena de já não sabermos muito bem o que faz de nós seres humanos.

Gil (1994) recorda ainda que o objetivo do monstro é ensinar os humanos a serem humanos, um propósito bastante plausível para um cobrador construído em plena ditadura militar. O cobrador é o pastor que sinaliza o rompimento com as fronteiras da humanidade provocado, possivelmente, a partir dos horrores vivenciados pelo regime ditatorial – situações tão indigestas para os seres humanos que tampouco são descritas pelo autor. Tudo aquilo que representava o alicerce do homem enquanto ser humano normal foi apagado ou demolido, como o colégio onde estudava, ou remanesceu sob a forma de cicatrizes, visíveis e invisíveis.

## Considerações

A partir da leitura do conto escrito por Rubem Fonseca foi possível notar as múltiplas camadas do comportamento monstruoso na sociedade, para além de um mal personificado. Evidentemente, o cobrador é tomado como um monstro humano, visto que as nuances do seu comportamento se vinculam à morfologia do monstro anteriormente apresentada, mas ele não é o único. Considerando todas as perspectivas apresentadas na narrativa, múltiplos monstros se revelam. Para a sociedade, o cobrador é o monstro que atravessou as fronteiras da legalidade ao matar e estuprar pessoas inocentes. Para o cobrador, a burguesia é a representação do mal. Ana é o monstro que trai a própria classe. Por um contexto mais amplo, a desigualdade social é o monstro principal do conto, nascido de um mal ainda maior que ocasionou o colapso social do qual os monstros anteriores nasceram.

Pensando a respeito do cobrador não há qualquer vestígio de desejo por ascensão social, algo que seria o comum considerando o contexto de extrema pobreza do homem. Ele tampouco rouba suas vítimas, pois compreende que o ato de retirar algo de alguém é uma atitude monstruosa diretamente relacionada às classes média e alta. Suas reivindicações, tudo aquilo que sente que a sociedade lhe deve, ainda que tão supérfluas à sobrevivência, representam para ele a humanidade. Entrevejo na cobrança a busca por essa humanidade perdida, por retornar à condição de alguém “normal”.

## Referências

- AUGUSTO, Sergio. O escritor armado. *In*: FONSECA, R. **O cobrador**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.
- BERTIN, Juliana Ciambra Rhae. O monstro invisível: o abalo das fronteiras entre monstruosidade e humanidade. **Outra Travessia**. Dossiê: O monstro à mostra: mostuário, n. 22, p. 37-54, 2016.
- BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- FONSECA, Rubem. **O cobrador**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GIL, José. **Monstros**. Lisboa: Quetzal Editores, 1994.
- JEHA, Julio. **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHNAIDERMAN, Boris. Vozes de barbárie, vozes de cultura uma leitura dos contos de Rubem Fonseca. **Literatura e Sociedade**. n. 26. ed. Especial, p. 162-166, 2018.

SOUZA, Valmir de. Violência e resistência na literatura brasileira. *In*: SOUZA, V. **Os sentidos da violência na literatura**. São Paulo: LCTE, 2007.

**Sobre a autora**

**Anna Deodato:** Doutoranda no programa de pós-graduação em Ciência da Literatura/UFRJ.  
*E-mail:* annadeodato@gmail.com

Recebido em: 30 jul. 2024  
Aprovado em: 24 dez. 2024